



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO**  
**TELEJORNALISMO BRASILEIRO: DESAFIOS E**  
**CONQUISTAS**

**ROBERTA MARTINS DE FREITAS**

Campo Grande  
JUNHO/2024

**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufs.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



## **REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO: DESAFIOS E CONQUISTAS**

**ROBERTA MARTINS DE FREITAS**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Giovana Siqueira

### **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufs.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Título do Trabalho:** Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas

**Acadêmico:** Roberta Martins de Freitas

**Orientador:** Daniela Giovana Siqueira

**Data:** 28/06/2024

**Banca examinadora:**

1. Felipe Quintino Monteiro Lima
2. Marcos Paulo da Silva

**Avaliação:** ( X ) Aprovado ( ) Reprovado

**Parecer:** A banca destaca a relevância do tema e recomenda que sejam feitas as alterações sugeridas.

Campo Grande, 28 de junho de 2024.

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Giovana Siqueira, Professora do Magistério Superior**, em 28/06/2024, às 20:08, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 01/07/2024, às 15:11, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufms.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4897072** e o código CRC **7EDBD476**.

**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufs.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



## SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
1. Atividades desenvolvidas	8
1.1 Execução	9
1.2 Dificuldades encontradas	11
1.3 Objetivos alcançados	13
2. Suportes teóricos adotados	14
Considerações finais	19
Referências	22

### **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufs.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente à minha mãe Andréa Martins por toda a parceria desde o início da graduação. Agradeço à minha família por todo apoio, especialmente ao meu avô André Martins por comprar minha passagem para ir a Belo Horizonte e entrevistar duas das minhas fontes. Isso foi fundamental para eu conseguir fazer cada etapa do projeto e ter a certeza de que tenho apoio em casa.

Agradeço a todos os meus amigos que me ouviram incansavelmente falar sobre esse projeto. Em especial às minhas amigas Ana Raiele Araújo, Beatriz Saltão, Kimberlly Omido, Marina Romualdo e Michele Miranda, por todo apoio emocional e por todas as ajudas que me deram.

Agradeço também à minha psicóloga Cléa Alonso, que sem dúvidas me deu um suporte enorme, em momentos de crises que apenas ela sabia. Sou grata pela paciência de todos comigo.

Agradeço à minha orientadora Daniela Giovana Siqueira, pela paciência que teve comigo nesses dois longos anos de orientação.

Agradeço de todo o meu coração, a todos.

### **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**



## **RESUMO:**

A grande reportagem “Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas” traz a trajetória de mulheres negras brasileiras destacando suas lutas e vitórias na atuação feita junto ao telejornalismo no país. A narrativa aborda o racismo estrutural e as barreiras enfrentadas diariamente, ao mesmo tempo em que celebra os avanços e as histórias inspiradoras dessas mulheres.

O objetivo desta reportagem é evidenciar as questões de racismo e desigualdade enfrentadas por mulheres negras no Brasil, bem como destacar suas conquistas e a importância de suas lutas. As entrevistas foram realizadas de forma presencial com gravação sonora. Após a pesquisa e decupagem das entrevistas, iniciou-se a escrita da reportagem, além da busca por textos que retratavam o tema abordado.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; reportagem; telejornalismo; representatividade.

## **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufs.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



## INTRODUÇÃO

“Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas” é uma grande reportagem desenvolvida como Projeto Experimental para conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O trabalho começou a ser desenvolvido a partir da disciplina de Projeto Experimental I, onde o tema foi escolhido.

A ideia do tema surgiu desde o início da minha trajetória na faculdade, em 2018, motivada pela observação da escassa representatividade negra nos meios de comunicação, especialmente no telejornalismo. Desde o começo, a ideia central foi abordar as experiências e desafios enfrentados por jornalistas negras no Brasil, destacando suas lutas e conquistas dentro desse campo profissional. A partir do Projeto Experimental I, o tema começou a ser explorado de forma mais aprofundada e estruturada.

Inicialmente, a proposta era desenvolver um livro-reportagem de bolso, mas, após várias discussões e reflexões, a decisão foi transformar o projeto em uma grande reportagem. A reportagem aborda diferentes aspectos da temática, procurando destacar os relatos pessoais de jornalistas negras, que compartilharam suas experiências e perspectivas a partir da atuação no telejornalismo. O objetivo foi o de promover uma compreensão mais profunda das dificuldades e das vitórias dessas profissionais.



## 1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades realizadas para a produção da grande reportagem tiveram início em 2021. Desde o começo do curso, eu sempre tive em mente que gostaria que meu TCC tivesse uma temática que envolvesse a mulher negra no jornalismo. Procurei por trabalhos no curso que pudessem servir de base, mas não encontrei nada parecido com o que eu desejava. O processo de criação até a finalização foi longo, estendendo-se do início de 2021 até o começo de 2024.

Inicialmente, minha proposta era desenvolver um livro-reportagem de bolso e essa ideia foi mantida até o final de 2023. No entanto, após várias conversas com minha orientadora, Daniela Siqueira, decidi que seria mais adequado produzir uma grande reportagem.

Escolher o tema da representatividade negra feminina no telejornalismo brasileiro para este trabalho de conclusão de curso teve por intuito abordar a realidade enfrentada por mulheres negras brasileiras, evidenciando suas lutas históricas e contemporâneas, bem como suas significativas conquistas. A escolha desse tema se deu pela constatação de que, até o momento, não havia nenhum TCC no curso que abordasse essa temática ou algo similar. Sendo eu mesma uma mulher negra, considero essencial e interessante trazer essas questões à tona. A partir da minha perspectiva pessoal e acadêmica, sinto-me motivada a dar voz a essas histórias de resistência e superação.

Durante o processo de produção, realizei extensas pesquisas de artigos acadêmicos, vídeos, entrevistas e outras fontes sobre a temática. Através dessas entrevistas, pesquisas e análise crítica de dados históricos e contemporâneos, espero fornecer uma visão sensível sobre a condição das mulheres negras no país, oferecendo subsídios para a formulação de estratégias que promovam a inclusão e valorização dessas mulheres em todas as esferas da vida social.



## 1.1 Execução:

Para a realização da grande reportagem, iniciei uma pesquisa abrangente na internet, assisti a filmes, vídeos e documentários sobre a temática e cheguei à conclusão de que meu foco seria a mulher negra no telejornalismo. Comecei a procurar jornalistas na cidade onde moro, Campo Grande, e encontrei duas repórteres: Jacklin Andreucce, que trabalhava onde eu estava estagiando, e Diulian Marques, sugerida por uma amiga.

Minha primeira entrevistada foi Jacklin Andreucce. Conversei com ela pelo *Instagram* em março de 2022, expliquei meu tema e ela logo se interessou. Marcamos a entrevista para o dia 10 de abril de 2022, às 14h, no local onde ela trabalha, a TV MS Record. No dia marcado, Jacklin me recebeu com muita simpatia e me conduziu a um espaço onde podíamos conversar tranquilamente e realizamos a entrevista. Durante a conversa, ela compartilhou diversas situações delicadas que enfrentou ao longo de sua carreira, abordando temas como racismo e preconceito. A entrevista foi muito enriquecedora, rendendo material valioso para a reportagem.

Alguns dias depois, entrei em contato com Diulian Marques, que na época trabalhava na TV Guanandi. Assim como Jacklin, ela ficou muito interessada na temática. Marcamos a entrevista para o dia 24 de abril de 2022, às 16h, em uma praça central da cidade. No dia da entrevista, estava um clima agradável e a praça estava tranquila, o que proporcionou um ambiente propício para a conversa. Diulian foi extremamente simpática e receptiva. Falamos sobre sua trajetória profissional, desafios enfrentados e suas perspectivas sobre o telejornalismo. Minha amiga Michele Miranda me acompanhou nas entrevistas, auxiliando na gravação e nas fotografias.

Alguns meses depois, em agosto de 2022, em conversa com minha orientadora Daniela Siqueira, fui informada sobre duas jornalistas de Belo Horizonte que poderiam agregar muito ao meu trabalho. Entrei em contato com elas e cogitei a possibilidade de viajar para lá para fazer as entrevistas. Elas toparam, mas quando faltavam poucas semanas para o começo do ano, não me responderam mais. Fiquei preocupada, mas



minha amiga Marina Romualdo sugeriu duas outras jornalistas de BH que ela admirava: Camila Falabela e Eliane Moreira. Entrei em contato com elas em novembro de 2022 e ambas foram muito receptivas. Marcamos a entrevista para o dia 21 de janeiro de 2023, em um shopping em Belo Horizonte.

Meu avô, André Martins, comprou as passagens para mim e para minha amiga Michele Miranda, que novamente me acompanhou e auxiliou nas gravações e registros. A viagem estava marcada para o dia 20 de janeiro de 2023. Chegamos a Belo Horizonte no início da noite e nos hospedamos em um hotel próximo ao *shopping* onde seriam realizadas as entrevistas. No dia 21 de janeiro de 2023, às 14h, encontramos Camila Falabela e Eliane Moreira. As entrevistas foram realizadas de forma conjunta, com ambas compartilhando suas experiências e reflexões sobre a carreira no telejornalismo, os desafios enfrentados e suas conquistas. Camila e Eliane foram muito simpáticas, divertidas e receptivas, tornando a entrevista um momento muito especial.

Quando voltei para Campo Grande, demorei algumas semanas para retomar meu TCC. Quando finalmente comecei a decupar os áudios das entrevistas, minha amiga Marina Romualdo me ajudou, especialmente com a longa gravação da entrevista conjunta de Camila e Eliane. Com todas as entrevistas transcritas, comecei a estruturar o conteúdo, inicialmente como um livro-reportagem. No entanto, no segundo semestre de 2023, após várias crises e conversas com minha orientadora, concluí que uma grande reportagem seria mais adequada.

Durante o processo, enfrentei muitos desafios e momentos de desânimo. Minha psicóloga me ofereceu suporte constante, mas foi o apoio incondicional das minhas amigas que me manteve firme. Minha amiga Michele Miranda foi um pilar de força durante todo esse período. Ela não só me ajudou com as entrevistas e gravações, mas também me ofereceu apoio emocional nos momentos mais difíceis. Em várias ocasiões, quando eu estava à beira de desistir, Michele me fez ver o quanto eu já havia conquistado e me incentivou a continuar.

Minha amiga e colega de curso, Beatriz Saltão, também foi fundamental. Ela me ouviu, me acolheu e me garantiu que estaria ao meu lado, reforçando que eu não podia desistir. Além disso, minhas outras amigas, Ana Raiele e Kimberlly Omido, tiveram um



papel crucial. Em um dia específico, vieram à minha casa e, através de conversas sinceras e encorajadoras, me fizeram perceber que estava muito perto de concluir o curso e que não poderia desistir naquele momento crucial.

O apoio de minha mãe, Andrea Martins, e de toda a minha família foi essencial para superar os momentos de crise. Eles acreditaram em mim e no meu potencial, o que me deu forças para seguir adiante.

No início de 2024, enfrentei problemas com minha matrícula, mas consegui regularizar minha situação e prosseguir com o trabalho. Na primeira orientação do ano, decidimos oficialmente que seria uma grande reportagem. Então, comecei a reformular o material que já havia escrito.

Realizei pesquisas extensivas em livros, artigos, filmes, documentários e outros TCCs que pudessem auxiliar na escrita. Em um momento, necessitei de uma abordagem sobre racismo estrutural e, com a orientação da professora Daniela, entrei em contato com várias especialistas até chegar a Romilda Pizani, representante do Fórum Permanente das Entidades do Movimento Negro. Ela foi muito atenciosa e suas explicações enriqueceram meu trabalho.

## **1.2 Dificuldades Encontradas**

Durante a produção da grande reportagem "Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas," diversas dificuldades foram enfrentadas, tanto de ordem pessoal quanto profissional. Inicialmente, a proposta era desenvolver um livro-reportagem de bolso. Contudo, após discussões com a orientadora, a decisão foi transformar o projeto em uma grande reportagem. Essa mudança exigiu uma reestruturação significativa do trabalho, demandando tempo e esforço adicionais para adaptar o conteúdo ao novo formato.

Encontrar jornalistas negras dispostas a compartilhar suas experiências foi um desafio. Embora se mostraram receptivas, posso registrar dificuldades com comunicação e agendamento, especialmente com as duas primeiras profissionais de



Belo Horizonte, que inicialmente confirmaram participação, mas posteriormente não responderam mais aos meus contatos. Organizar as viagens para realizar as entrevistas em Belo Horizonte envolveu desafios logísticos, como a compra de passagens e a coordenação de horários.

Transcrever as entrevistas foi uma tarefa demorada e cansativa. A entrevista conjunta com Camila Falabela e Eliane Moreira foi especialmente longa, exigindo atenção e dedicação para capturar todos os detalhes importantes. O desenvolvimento do TCC foi marcado por crises emocionais e momentos de desânimo. A pressão de concluir o trabalho, combinada com problemas pessoais, tornou o processo ainda mais difícil. O suporte da psicóloga, das amigas e da família foi essencial para superar esses momentos e continuar o projeto.

Houve uma curva de aprendizado associada ao uso dessa ferramenta, e a necessidade de criar um *layout* profissional adicionou um nível de complexidade ao projeto. Realizar uma pesquisa abrangente sobre racismo estrutural e representatividade negra no telejornalismo exigiu a leitura de muitos artigos, livros e outros TCCs. Identificar fontes relevantes e sintetizar essas informações para apoiar a reportagem demandou tempo e dedicação.

No início de 2024, houve problemas com a matrícula na universidade, que precisaram ser resolvidos para permitir a continuidade do trabalho. Isso adicionou um nível extra de estresse e incerteza ao processo. Conciliar o estágio, as atividades acadêmicas e a produção do TCC foi um desafio constante. A gestão do tempo foi crítica para garantir que todas as responsabilidades fossem cumpridas sem comprometer a qualidade do trabalho final. Essas dificuldades enfrentadas ao longo do desenvolvimento da grande reportagem demonstram a complexidade e os desafios inerentes à produção de um projeto de conclusão de curso, especialmente quando se aborda um tema sensível e relevante como a representatividade negra no telejornalismo brasileiro.



### **1.3 Objetivos Alcançados**

A realização da grande reportagem "Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas" resultou em diversos objetivos alcançados. Entre eles, destacam-se a documentação das experiências de jornalistas negras, que compartilharam suas trajetórias profissionais e pessoais, evidenciando as barreiras enfrentadas e as estratégias de superação adotadas.

A reportagem também proporcionou visibilidade para as conquistas dessas profissionais, celebrando suas contribuições significativas para o telejornalismo. Ela promoveu uma reflexão crítica sobre a importância da diversidade e inclusão nos meios de comunicação, discutindo a necessidade de políticas de inclusão e ações afirmativas para promover a igualdade racial.

Academicamente, contribuiu para a literatura sobre representatividade negra e racismo na mídia, oferecendo novos dados sobre a realidade das mulheres negras no telejornalismo brasileiro.

Durante o desenvolvimento do projeto, foram superados diversos desafios pessoais e profissionais, com o apoio fundamental de colegas, familiares e orientadores. E, por fim, a reportagem conseguiu engajar e sensibilizar o público sobre as questões de racismo e desigualdade, cumprindo seu objetivo de provocar uma reflexão profunda sobre a necessidade de mudanças estruturais na mídia e na sociedade.

Esses resultados refletem o sucesso do projeto em abordar e divulgar a representatividade negra no telejornalismo brasileiro, contribuindo para a valorização das mulheres negras na mídia e para a luta contra o racismo estrutural.



## SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

Primeiramente, é importante ressaltar que o termo representatividade às vezes é comparado à palavra representação. De acordo com Makowiecky (2003), o conceito de representação é muito complexo. A etimologia da palavra denota que a relação entre as coisas se dá por semelhança, como era o caso até o nascimento da ciência, com Descartes.

Segundo Candido e Junior (2008), a mídia é um espelho distorcido da sociedade que reforça a sub-representação e os estereótipos, teoria que pode ser exemplificada no objeto deste estudo, pois ao compararmos mulheres negras na sociedade e no jornalismo, a distorção desse espelho é perceptível. Além de ser uma representação de profissionais da área de comunicação, há falhas na publicidade quando falamos da existência de negros. Assim, a mídia televisiva geralmente reforça a falta de espaço para esse grupo, criando uma falsa sensação de inexistência de grupos raciais.

A falta de diversidade étnica no telejornalismo brasileiro torna-se um impasse na construção de uma sociedade mais igualitária, já que os afrodescendentes não se veem nesse espaço, portanto não se sentem devidamente representados (ALBUQUERQUE, 2016, p. 42).

A falsa noção de que o país vive em democracia racial permeia a consciência brasileira. A ideia foi erroneamente divulgada pela mídia no Brasil e no exterior. Esses conceitos decorrem da colheita da colonização brutal e da imposição dos modos de vida europeus aos nativos, e a posterior abolição da escravatura. Os negros são vistos como objetos de trabalho manual desde os tempos coloniais. Já a mulher negra da era colonial, além de ser punida da mesma forma que um homem, também foi alvo de mutilações e brutalidades sexuais direcionadas apenas à sua condição de mulher.

Nos estudos sobre a mulher negra, ainda nos dias de hoje, é possível encontrar aspectos de diferenciação em relação a mulheres brancas. Ribeiro afirma que: “A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados” (RIBEIRO, 2016, p. 101).



Com o impacto da digitalização, a maneira de fazer notícias na TV mudou drasticamente, ou seja, antigos formatos de comunicação linear e vertical (emissor, mensagem e destinatários) são afetados pelo uso social e de mercado da tecnologia. Isso aproxima os telespectadores da produção de telejornais e jornalistas, que usam as redes sociais para responder às demandas de sua audiência.

A invisibilidade dos afrodescendentes no telejornalismo brasileiro, principalmente em relação às mulheres, pode se dar por meio da dificuldade em aceitar o diferente. “Diferente” está relacionado ao fato de as pessoas não estarem acostumadas a ligarem suas televisões e verem jornalistas que não se enquadram no padrão europeu apresentando as notícias. Para alguns espectadores, eles podem causar desconforto e até mesmo repulsa e, por isso, podem sofrer ataques virtual e pessoalmente (ALBUQUERQUE, 2016).

A sociedade brasileira é constituída por uma estrutura racista. É importante compreender e analisar essa questão não apenas como um preconceito, mas também como uma violência direta, componente que interfere em todas as relações, indivíduos e relacionamentos. A escassez de populações negras no alto da hierarquia do mercado de trabalho e a dificuldade de chegar nesses postos é apontada por Carrança (2004). Segundo o autor, a cobertura de interesses de grupos discriminados está relacionada à atuação de especialistas desses grupos nas empresas de comunicação. A premissa apresentada é a de que este tópico requer mais esforços para que essa realidade possa ser mudada.

Dados apresentados no Perfil Racial da Imprensa Brasileira se tornam especialmente relevantes. Eles revelam que uma parcela significativamente maior de jornalistas brancos ocupam posições gerenciais nas redações, representando 61,8% do total. Em contraste, os profissionais negros da área de imprensa predominam em funções operacionais, como repórteres, redatores e produtores, totalizando 60,2% desse grupo. Esses números destacam uma clara discrepância que exige atenção e correção.

Recentes perfis regionais revelam uma composição demográfica que reflete desafios persistentes de representatividade étnico-racial. De acordo com o relatório de



pesquisa, os profissionais brancos/as representam 67,8% da categoria, enquanto pardos/as somam 20,6%, pretos/as 9,3%, e amarelos/as 1,3%. Esses números destacam uma notável disparidade, refletindo a sub-representação de negros/as e outras minorias étnicas nos principais veículos de comunicação do país.

Além da questão racial, o estudo também revela distribuições desiguais em termos de funções exercidas, com 37,1% dos profissionais atuando como repórteres e 23,4% como editores/as. Essa estratificação funcional reflete dinâmicas complexas de poder e acesso às posições de liderança dentro das redações, onde a diversidade é muitas vezes limitada a níveis operacionais, enquanto os cargos estratégicos permanecem predominantemente ocupados por indivíduos de origens étnico-raciais privilegiadas.

É importante ressaltar que a falta de um olhar crítico sobre a discussão das questões raciais tem inviabilizado mulheres negras e suas lutas. No telejornalismo brasileiro vemos pouco ou quase nada da representação da mulher negra no noticiário. Com exceção das denúncias de crime ou pobreza, os afrodescendentes são simbolicamente silenciados nesse ambiente, apesar de constituir a maioria da população brasileira.

Tendo em vista essa constatação empírica, a busca teórica encontrou respostas e respaldo em autores como os apresentados a seguir.

Segundo Sodré (2015), um conceito importante para compreender a representação da mulher negra no telejornalismo, é o “racismo midiático”. Ele advém de três fenômenos recorrentes na televisão brasileira: a negação, a mídia invisibilizando os debates sobre o racismo e reforçando a ideia de democracia racial (FREYRE, 2002); a repressão, que ocorre quando a mídia, principalmente o jornalismo, não apresenta aspectos positivos da identidade negra; e o estigma, onde os aspectos físicos dos negros são ridicularizados em detrimento dos brancos.

Silvio Almeida, em seu livro "Racismo Estrutural" (2019), oferece uma análise detalhada sobre como o racismo está arraigado nas estruturas sociais e institucionais



do Brasil, proporcionando uma base teórica fundamental para compreender as barreiras sistêmicas enfrentadas por mulheres negras no telejornalismo.

Muniz Sodré, em "O Monopólio da Fala" (2010), discute a influência dos meios de comunicação na formação da opinião pública e na perpetuação de estereótipos raciais, contribuindo para entender como a ausência de representatividade negra no telejornalismo afeta a percepção pública.

Cintia Albuquerque, por meio do estudo "A Representação do Negro no Telejornalismo Brasileiro" (2016), explora como jornalistas negros são retratados e a importância de uma representação diversificada para combater estereótipos e promover a inclusão.

Nilson Lage, em "A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística" (2001), e José Marques de Melo, em "Teoria do Jornalismo" (2003), fornecem fundamentos sobre o jornalismo literário e interpretativo, respectivamente, essenciais para a abordagem adotada na grande reportagem, permitindo uma análise profunda e contextualizada dos temas abordados.

Djamila Ribeiro, em "O Que É Lugar de Fala?" (2017), oferece percepções sobre a importância da voz e da representação das mulheres negras na sociedade, enquanto Sueli Carneiro, em "Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil" (2011), discute a junção entre raça e gênero, fundamentais para analisar as experiências das mulheres negras no telejornalismo.

Esses suportes teóricos proporcionaram uma base sólida e multidimensional para a análise das complexas questões abordadas na grande reportagem desenvolvida, permitindo uma abordagem informada e abrangente sobre temas como representatividade, racismo estrutural e diversidade no telejornalismo brasileiro.

## **Grande Reportagem**

A grande reportagem é um formato jornalístico reconhecido por sua capacidade de explorar de maneira detalhada e abrangente temas complexos e relevantes. Optei por este formato para o meu trabalho de conclusão de curso com o intuito de realizar



uma análise meticulosa da representatividade negra no contexto do telejornalismo brasileiro.

Esta escolha permitiu não apenas documentar, mas também celebrar as trajetórias de jornalistas negras, destacando suas lutas, conquistas e impacto significativo no cenário midiático do país. Por meio de entrevistas, pesquisa rigorosa e análise crítica, busquei evidenciar as barreiras enfrentadas por essas profissionais, promovendo uma reflexão profunda sobre a importância da inclusão e da diversidade na mídia.

Dessa forma, a grande reportagem não apenas atendeu aos objetivos acadêmicos do meu projeto experimental, mas também proporcionou uma imersão aprofundada do tema, contribuindo para um debate necessário sobre representação e igualdade no jornalismo brasileiro.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto de grande reportagem sobre a representatividade negra feminina no telejornalismo brasileiro representou uma jornada de descoberta, aprendizado e profunda reflexão sobre as dinâmicas de inclusão e exclusão que permeiam a mídia brasileira. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi possível identificar e dar voz às experiências de mulheres negras que, com muita determinação, têm desafiado as barreiras impostas por uma sociedade estruturalmente racista e têm conquistado espaços significativos no telejornalismo.

As entrevistas realizadas com jornalistas negras de diversas regiões do Brasil revelaram não apenas as dificuldades e os obstáculos que elas enfrentam diariamente, mas também suas histórias de superação, resiliência e sucesso. Esses relatos pessoais foram essenciais para ilustrar a realidade das profissionais negras no telejornalismo, proporcionando uma visão mais humana e concreta das estatísticas e teorias discutidas.

A pesquisa teórica foi fundamental para embasar as análises apresentadas na reportagem, oferecendo um contexto histórico e sociológico que enriqueceu a compreensão dos fenômenos abordados. Autores como Silvio Almeida, Djamila Ribeiro e Muniz Sodré forneceram uma base sólida para discutir o racismo estrutural, a representatividade e o papel da mídia na construção de narrativas sociais.

Ao optar pelo formato de grande reportagem, foi possível explorar de forma mais ampla e aprofundada os diversos aspectos que envolvem a representatividade negra no telejornalismo, utilizando recursos do jornalismo literário para criar uma narrativa envolvente e informativa. Essa escolha permitiu não apenas relatar fatos, mas também interpretar e contextualizar as informações, oferecendo uma leitura rica e reflexiva.

As dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento deste trabalho, desde a realização das entrevistas até a transcrição e análise dos dados, foram superadas graças ao apoio de colegas, familiares, da minha terapeuta e minha orientadora, que forneceram suporte técnico e emocional em momentos cruciais. Esse processo de



superação refletiu, de certa forma, as próprias histórias de resistência das jornalistas entrevistadas, reforçando a importância da perseverança e da colaboração.

Em conclusão, este projeto não apenas cumpre o objetivo de evidenciar as questões de racismo e desigualdade enfrentadas por mulheres negras no telejornalismo brasileiro, mas também celebra suas conquistas e contribuições para a sociedade. Espera-se que esta grande reportagem inspire futuras pesquisas e iniciativas que promovam a inclusão e valorização da diversidade na mídia, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.



#### 4.REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cintia. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Comunicação – ECO; p. 42, 2016. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAbuquerque.pdf>>. Acesso: 18 de junho de 2024.

CANDIDO, Marcia; JUNIOR, João. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: 1 Instituto de Estudos Sociais e Políticos, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>>. Acesso: 18 de junho de 2024.

CARRANÇA, F. BORGES, R. S. **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro. Vários autores**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

RAMOS, Gabriela. **‘Aqui no Brasil não existe isso de racismo’, diz Bolsonaro em Fortaleza. Estadão. 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,aqui-no-brasil-nao-existe-isso-de-racismo-diz-bolsonaro-em-fortaleza,70002375442>>. Acesso: 18 de junho de 2024.**

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Edição crítica de autoria de Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca. Paris: ALLCA XX, 2002.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa**. Santa Catarina: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas; v. 4 n. 57, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2181>>. Acesso: 18 de junho de 2024.



PUCRS. **Repórteres e apresentadores negros são menos de 6% no telejornalismo gaúcho**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/ZrFNI>. Acesso: 18 de junho de 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. SUR 24 – Revista Internacional de Direitos Humanos., Conectas, v. 13, n. 24, p. 99- 104, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso: 18 de junho de 2024.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus Editorial; 1ª edição, 1986.

SOUZA, Willian; CRIPPA, Giulia. **A materialidade do livro de bolso e a expansão do público leitor entre os séculos XV e XIX**. Porto Alegre: Intertexto, n.27, p. 84-101, dez.2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/33465/23481>. Acesso: 18 de junho de 2024.

BRUM, Eliane. **O Olho na Rua**. 2ª ed. Arquipélago Editorial, 28 de abril de 2017.

OLIVEIRA, Leunice Martins de. **Onde estão as mulheres negras à sua volta?** Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.pucrs.br/soupucrs-professor/onde-estao-as-mulheres-negras-a-sua-volta/>. Acesso: 18 de junho de 2024.